

Memória musical e novas identidades como aspectos inovadores da discotecagem¹

Musical memory and new identities as innovative aspects of DJing

Nilton Faria de CARVALHO²

Resumo

A discotecagem se configurou no século XX como prática relacionada a colecionadores de discos – os DJs (disc-jóqueis). Esse artista, geralmente deixa fluir parte de sua trajetória nas canções que toca, bem como suas identidades musicais. Este texto visa relacionar aspectos da memória do DJ, considerando o fluxo das músicas no mundo globalizado, com a configuração da discotecagem. Essa relação, entre lembranças e novas identidades, gera inovações híbridas no repertório apresentado pelo disc-jóquei na festa (discoteca). O presente estudo visa analisar o hibridismo na discotecagem dos DJs Alfredo Bello e Gabriela Ubaldo, por meio dos Estudos Culturais (EC) e metodologias de Memória e História Oral, com o objetivo de relacionar as lembranças dos artistas ao tipo de música com o qual eles trabalham.

Palavras-chave: Comunicação. Inovação. Memória. Discotecagem. Hibridismo.

Abstract

DJing was configured in the twentieth century as a practice related to record collectors – DJs (disc jockeys). This artist, usually allows flowing part of his trajectory in the songs that he plays, as well as his musical identities. This text aims to relate aspects of DJ's memory, considering the flow of the songs in the globalized world, with the DJing configuration. This relationship between memories and new identities generates hybrid innovations in the repertoire presented by disc jockey at the party (disco). This study aims to analyze the hybridity in Alfredo Bello and Gabriela Ubaldo' DJing, based on Cultural Studies (EC) and Memory and Oral History methodologies, with the goal to relate artists' memories with the kind of music with which they work.

Keywords: Communication; Innovation. Memory. Djing. Hybridity.

¹ Trabalho apresentado no GT Memória e Música, no Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura: Aproximações com Memória e História Oral, realizado na Universidade São Caetano do Sul – São Paulo, de 27 a 30 de abril de 2015.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) – SP. E-mail: nilton.carvalho@uscs.edu.br.

Introdução

A coleção de discos de um DJ abriga aspectos de sua memória. Muitas das faixas encontradas nos álbuns do acervo do disc-jóquei trazem à tona lembranças de determinados momentos vividos pelo artista, cada qual com sua importância. Essa relação pode ser pensada como um livro que ganha novas páginas a cada etapa da vida, entre memórias revisitadas e novos discos, relações sociais e diferentes lugares onde ocorrem as festas – locais que recebem a discotecagem do DJ. Entretanto, a canção reproduzida no toca-discos da família, durante a infância, divide espaço com aquisições de álbuns mais recentes, que ocorrem a partir da velocidade com a qual os discos circulam no mundo globalizado. A discotecagem então pode ser considerada uma prática que agrega as diversas músicas da vida do DJ, pois, se por um lado deixa fluir lembranças do âmago da memória individual, também liga passado e presente, a cada festa, por meio de peças musicais que mesclam o que está na lembrança do DJ com a circulação de canções no ambiente midiático, assimiladas por ele, conectando trilhas sonoras de narrativas de vida com as novas identidades musicais reorganizadas nos fluxos globais.

O presente estudo visa abordar como a memória musical do DJ pode exercer influência na maneira com a qual ele inova a seleção das canções que são levadas à discotecagem, considerando que aspectos do mundo globalizado e a presença de identidades híbridas também estão relacionados à audição musical e ao consumo de diferentes ritmos no cenário contemporâneo. Em seus estudos sobre sociedades multiculturais, Néstor García Canclini (1995, p. 109) diz que “hoje a identidade, ainda em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos cruzados de várias culturas”. Essa observação do antropólogo argentino, embora registrada há dez anos, é essencial para analisar o tipo de artista que surge nessas sociedades de muitas culturas, como é o caso dos ambientes frequentados pelos DJs.

A facilidade com a qual alguns disc-jóqueis lidam com variados estilos musicais abre caminho para a necessidade de responder, mesmo que de forma parcial, à seguinte questão: como a memória musical do DJ, em meio ao fluxo de diferentes estilos musicais, contribui para que ele se relacione com diferentes ritmos musicais e assim inove sua discotecagem?

Essa memória musical que desperta a relação com determinadas vertentes será discutida por meio de entrevistas realizadas com a DJ Gabriela Ubaldo e o DJ Alfredo Bello, o DJ Tudo, cujo objetivo é relacionar características da trajetória de vida destes artistas às identidades musicais presentes em seus respectivos trabalhos. Assim como escrevem Vargas e Perazzo (2008, p. 226): “os recursos promovidos pela história oral realçaram a importância da memória individual nas sociedades contemporâneas e possibilitaram a recuperação do sujeito comum como protagonista da (sua) história”. A análise qualitativa da discotecagem dos disc-jóqueis será embasada por um referencial teórico que versa sobre memória, estudos culturais, hibridismo e conceitos de identidade na pós-modernidade.

Para compreender a relação entre a memória e a discotecagem, é importante considerar a prática humana de fazer referência ao passado, como escreve Ecléa Bosi (2003, p. 36): o “aflorescimento do passado se combina com o processo corporal e presente da percepção”.

1 A globalização e o fluxo das músicas

A velocidade com a qual as informações circulam no mundo globalizado, principalmente após a ascensão da web 2.0 e o consequente acesso do público ao processo de *download* musical, estabeleceu uma nova relação entre música e público. Artistas, consumidores e gravadoras vêm se readaptando a uma indústria fonográfica em crise, mas que segue, de certa forma, hegemônica na cultura da mídia. Para Kischinhevsky e Herschmann (2011, p. 3) “a indústria da música passou a enfrentar sérios problemas para conciliar as novas práticas de distribuição e consumo de fonogramas com a tradicional estrutura de comércio de música gravada”. Hoje, o primeiro contato com a música geralmente ocorre no ambiente da internet.

Embora a globalização, num primeiro momento, busque implantar uma “segmentação do mercado de consumo” (MATTELART, 2002, p. 128), é possível notar também que as culturas locais se reforçam e se mesclam, e esse fenômeno está relacionado com o surgimento de identidades híbridas, promovido pela confluência de muitas culturas na qual centro e periferia passam a estar conectados em um processo de influência mútua, ou seja, essa nova concepção de identidade na pós-modernidade ou

“modernidade tardia”, como escreve Stuart Hall (2014, p. 12), consiste na compreensão da cultura nacional como “uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação” (HALL, 2014, p. 51).

Tais aspectos compactuam com a intensidade do fluxo de diferentes tipos de música, cuja velocidade perpassa as antigas concepções de espaço-tempo das sociedades modernas. Sendo assim, se as práticas de ouvir música e colecionar discos remetem a processos construídos ao longo da vida do DJ, a quantidade de ritmos levados à discotecagem é combinada aos efeitos desse intenso fluxo de circulação de músicas. E é essa nova movimentação de canções que exerce influência na maneira com a qual o disc-jóquei pensa a discotecagem no mundo globalizado, caracterizado pelas infinitas misturas de identidades musicais. Em seu estudo, Giddens (1990) observara as diferenças entre o período pré-moderno e o cenário pós-industrial:

Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o lugar eram amplamente coincidentes, uma vez que as dimensões espaciais da vida social eram, para a maioria da população, dominadas pela presença" – por uma atividade localizada... A modernidade separa, cada vez mais, o espaço do lugar, ao reforçar relações entre outros que estão "ausentes", distantes (em termos de local), de qualquer interação face-a-face. Nas condições da modernidade..., os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a "forma visível" do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza (GIDDENS, 1990, p. 18, apud HALL, 2014, p. 41).

A discotecagem é uma prática que reflete justamente essa mescla entre aspectos próximos e distantes. De um lado está a faixa encontrada no disco empoeirado que o DJ herdou de algum familiar, e do outro uma música recém-descoberta no ambiente da *web*, de um artista que pode estar distante no tempo e no espaço, mas que consequentemente também será comprado pelo disc-jóquei em sua próxima visita a uma loja de discos – considerando que o DJ geralmente é um colecionador de álbuns, inclusive, no formato LP.

Segundo estudo elaborado por Gisela Castro (2005, p. 69), “o que está em jogo parece ser da ordem de uma grande reconfiguração na produção, consumo e comercialização de música”. Esse aspecto ganha amplitude no universo da internet com

as possibilidades de divulgação que a *web* proporciona ao artista – seja ele *mainstream*³ ou *underground* –, ainda segundo a autora, a reelaboração da comercialização de música possibilita um espaço no qual “nichos minoritários de consumo ganham relevância” (CASTRO, 2005, p. 69). Essa nova concepção pela qual a indústria cultural passa possibilita a circulação de diferentes tipos de artistas, das mais diversas vertentes musicais, o que proporciona ao público, e conseqüentemente ao DJ, maior acesso a uma grande variedade de opções de audição. Em outras palavras, com poucos cliques é possível ir do *rock* ao baião, e vice-versa.

Esses encontros cada vez mais constantes entre ritmos musicais, que ocorrem em meio ao cosmopolitismo característico de cidades como São Paulo, são observados no repertório de algumas discotecagens de DJs acostumados a se relacionar com diferentes tipos de música. O gosto musical diverso que emerge nos grandes centros urbanos, à semelhança da ideia trabalhada por Stuart Hall (2014, p. 47), ocorre porque a “proliferação das escolhas de identidade é mais ampla no ‘centro’ do sistema global que nas suas periferias”. Esses textos que nascem nos grandes centros, embora vinculados a uma ideia de consumo, podem gerar novos significados nas mãos dos disc-jóqueis, pois “a indústria cultural, mesmo a serviço do capital, pode propiciar oportunidades para a criatividade individual e coletiva” (PRYSTHON, 2003, p. 136), como é o caso dos trabalhos elaborados pelos DJs Alfredo Bello e Gabriela Ubaldo.

Gabriela discoteca nas festas itinerantes *Take a Ride* e *Macumbia*, ambas de temáticas distintas, que mostram a versatilidade encontrada na discografia da DJ. Enquanto *Take a Ride* passeia por ritmos como *funk*, *jazz*, *reggae* e o som de artistas da *soul music*, como o cantor Marvin Gaye, a festa *Macumbia* traz a São Paulo sons oriundos de outros países da América Latina, como a *cúmbia*, estilo nascido na Colômbia, e também ritmos africanos. Alfredo Bello, o DJ Tudo, e viaja o pelo Brasil e o mundo em busca de novas experiências sonoras. O artista faz uso de *loops*⁴ e *samples*⁵, fragmentos sonoros que geralmente lhe servem de ponto de partida para a elaboração das peças musicais que compõem seu trabalho. Em suas viagens, já gravou

³ Termo geralmente usado para caracterizar o gosto ou o pensamento da maioria das pessoas, “a onda principal”.

⁴ *Loops* são “partes de uma canção que podem ser tocadas repetidas vezes” (WHITE; CRISELL; PRINCIPE, 2009, p. 288).

⁵ “Amostras de som retiradas de vinis, programas de rádio, tevê e/ou videogames, dentre tantas outras fontes sonoras, sincronizadas de modo a compor a trilha de fundo, a base musical e rítmica” (CONTER; SILVEIRA, 2014, p. 1).

cantigas de macumba, maracatu rural, afoxés, samba de pareia e carimbós, além de ter trabalhado com nomes importantes do cenário internacional, como Mad Professor, artista nascido em Georgetown (Guiana) e radicado em Londres que toca *dub*, *reggae* e *trip-hop*, e Dr Das, do Asian Dub Foundation (banda que mescla os ritmos musicais como *dub*, *dancehall* e *ragga*), entre outras empreitadas musicais. DJ Tudo também costuma se apresentar com frequência em bares e discotecas da noite paulista, onde apresenta suas garimpagens musicais.

Gabriela e Alfredo estão inseridos nesse ambiente globalizado, no qual “o que está em jogo é uma profunda mudança no sentido da diversidade” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 60), e passam então a construir uma discografia híbrida, mesclando gostos musicais ligados aos seus primeiros contatos com o campo musical às recentes e constantes descobertas do ambiente digital. Ambos tiram proveito de um fluxo de canções de acesso ilimitado, fato que os ajuda a renovar suas discografias, hibridizar seus projetos musicais e, conseqüentemente, inovar a discotecagem das festas que idealizam.

2 A memória musical e a discotecagem

Sabe-se que o DJ geralmente é um colecionador de discos. Embora a temática da festa onde esse artista se apresenta seja em si um recorte, que delimita os ritmos que serão tocados na discotecagem, a seleção das músicas pode variar de acordo com a subjetividade do disc-jóquei. Esse exercício de encontrar possibilidades sonoras dentro dos discos que compõem determinada coleção mexe com os sentidos, as lembranças e a situação atual do artista que realiza a seleção das faixas. Para Heloísa de Araújo Duarte Valente (2002, p. 114), “o exemplo da música e da canção, particularmente, revela-se como uma fonte privilegiada de textos e subtextos (culturais, musicais). Assim, atua como memória material (ainda que impalpável) e como material de memória”.

Ao falar sobre como pensa a discotecagem da festa, Gabriela Ubaldo faz menção ao trabalho de audição musical rotineiro, que pode variar de acordo com a vontade do DJ:

Eu discoteco porque acho simplesmente incrível ver as pessoas conhecendo e dançando as músicas que eu amo. Hoje em dia toco só com vinil, então o processo de ouvir é diário. É preciso escutar as coisas (discos e faixas) que você tem, sentir o que combina com o que e ir treinando, ouvindo, sentindo... Sempre. Claro que as músicas são infinitas, e você sempre quer conhecer e tocar coisas diferentes, que vão surpreender, instigar (UBALDO, 2015).

O processo de pesquisa descrito por Gabriela, bem como a concentração que se observa em seus gestos e olhares durante a discotecagem, se assemelha a uma devoção (quase) religiosa. A descrição feita pela DJ, como escreve Beatriz Sarlo (2007, p. 21), permite a “reavaliação da primeira pessoa como ponto de vista, a reivindicação de uma dimensão subjetiva, que hoje se expande sobre os estudos do passado e os estudos culturais do presente”. Ao ouvir os discos de sua coleção, projetando a discotecagem que será apresentada ao público, Gabriela em algum momento irá identificar, selecionar e tocar uma canção que faz parte de seus repertórios de vida e lembranças, como é possível notar a seguir.

Ao descrever suas referências musicais, a DJ traça um mapa híbrido de sonoridades que faz menção a discos de músicos brasileiros, jamaicanos e artistas nascidos em países da América Latina, conectando repertórios culturais que vêm do lar e das amizades mais próximas. Não à toa, as primeiras lembranças do gosto pela audição musical da DJ estão ligadas ao trabalho de artistas cujos álbuns faziam parte do acervo de discos dos pais, canções de outros tempos recontextualizadas e incorporadas nas preferências musicais da disc-jóquei (BOSI, 2003, p. 26). Conforme Gabriela explica:

Meus pais sempre tiveram discos em casa, daí vem muito do que escutei. Acho que arriscaria a Betânia como um dos primeiros artistas que ouvi em vinil. Sempre ouvi muita música, desde pequena, com meus pais. Ambos são fãs de música brasileira, ouvíamos e cantávamos juntos. Olha, desde muito nova eu ouço o Caetano Veloso, já revirei muita coisa dele... Depois o Gilberto Gil, outro que eu também ouvi muito. São grandes referências. Mais grandinha o Luiz Melodia, o Juan Luis Guerra, a Gal. Eu ouço todo tipo de música, acho, menos *rock* pesado e “putz putz” [música eletrônica]. Como tenho tocado muito, acabo ouvindo as pesquisas, né? *Cumbias*, *salsa*, *reggaes* e *soul* (UBALDO, 2015).

O caminho aberto pelas primeiras experiências de audição joga luz sobre as escolhas sonoras que integram a temática das festas nas quais Gabriela se apresenta: *Take a Ride* e *Macumbia*. O músico dominicano Juan Luis Guerra, lembrado pela DJ, cujo trabalho está ambientado em ritmos como *bachata*, *merengue* e *jazz*, musicalmente se aproxima dos sons de países latino-americanos levados à discotecagem na festa *Macumbia*, pois valoriza a dança e movimentos corporais, entre outras similaridades. Da mesma maneira, o *reggae* tocado em *Take a Ride* está entre os estilos musicais evocados nos discos de Gilberto Gil, outro nome mencionado pela disc-jóquei. Sendo assim, ambas as temáticas levadas à discotecagem por Gabriela “imaginam e operam seu universo de pertencimento” (FONTANARI, 2013, p. 226).

Essa relação da DJ com suas lembranças musicais traça um círculo no qual percorrem sons do passado ao presente, e do presente ao passado, no curso das representações atuais (BOSI, 2003, p. 34). E a narrativa oral resgata canções que remetem a experiências vividas que ajudam a construir a identidade musical da artista. Sobre os termos “narrativa e oralidade”, Ecléa Bosi (2003, p. 45) escreve que:

Ambas se desenvolveram no tempo, falam no tempo e do tempo, recuperando na própria voz o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente. Eu diria que a expressão oral da memória de vida tem a ver mais com a música do que com o discurso escrito (BOSI, 2003, p. 45).

O músico e pesquisador Alfredo Bello, o DJ Tudo, expressa por meio de seu projeto musical e suas discotecagens⁶ aspectos dos repertórios que acumulou ao longo dos últimos anos. O artista que viaja o Brasil e o mundo em busca de novas descobertas sonoras possui repertórios tão híbridos quanto os trabalhos que elabora hoje, um espelho, vale ressaltar, que reflete características de artistas formados nas “sociedades globalizadas multiculturais” (CANCLINI, 2002, p. 52). O exercício de ouvir e garimpar estilos musicais variados, atualmente rotineiro no trabalho de Alfredo Bello, começou, mesmo que de forma descompromissada e ingênua, durante a infância. À época, em meados dos anos 1980, o artista entrou em contato com programas de rádio e televisão, cujas canções não passaram despercebidas:

⁶ Uma das discotecagens do músico Alfredo Bello (DJ Tudo) disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Hq_SDyMAIY>

Lembro das trilhas sonoras de comerciais de rádio, que tinham muito Kraftwerk, banda alemã que é o papa da música eletrônica. Quando eu era pequeno lembro também do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que era uma coisa que tinha muita música eletrônica com *moog*, *teremim*. Mas isso eu identifiquei depois. Da memória que eu não lembro, minhas irmãs dizem que quando eu era bebê assistia muito Vila Sésamo. Eu lembro até de comprar (o disco), tenho o LP na minha coleção e ouço, é legal pra caramba, é dos irmãos Marcos Valle e tal. Mas não me remete a nada, diferente do Sítio, na época do Sítio eu já tinha cinco, seis anos. Nessa época a memória já era mais forte (BELLO, 2015).

Embora a infância não seja um período no qual se possa ter o mínimo arcabouço musical necessário para avaliar determinado estilo de canção, ao se relacionar com o som do Kraftwerk, as composições dos irmãos Paulo Sérgio e Marcos Valle, além da trilha sonora de Sítio do Pica-Pau Amarelo, que no início dos anos de 1980 trazia forte presença de canções da música popular brasileira (a chamada MPB), Alfredo Bello intuitivamente (re)cria os caminhos pelos quais perpassam os variados ritmos que integram seu trabalho hoje. Para o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), é preciso refletir sobre a impressão humana, pois “ela se explica sem dúvida por aquilo que estava no centro de nossa vida afetiva ou intelectual” (HALBWACHS, 1990, p. 44).

Percebe-se também, que Alfredo Bello retornou a esses sons com os quais teve os primeiros contatos na infância assim que atingiu a maturidade musical necessária para compreendê-los, bem como as especificidades das canções com as quais se relacionou em tempos passados, pois no campo da cultura, características de tempos diferentes podem se agrupar na canção popular (VARGAS, 2007). Hoje, Alfredo sabe que quem assina parte da trilha sonora de Vila Sésamo são os irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle, e que nas peças musicais inseridas no Sítio do Pica-Pau Amarelo há elementos de música eletrônica, como o uso de sintetizadores *moog* e *teremim*. Em sua passagem pelo Reino Unido, o pesquisador e DJ conheceu a cena da *jungle music* londrina, vertente da música pop eletrônica que originou o *drum and bass*, estilos que aparecem nos trabalhos do DJ Tudo e que têm alicerce sonoro que faz menção aos discos do grupo alemão Kraftwerk, a mesma banda que Alfredo Bello ouvia na trilha sonora dos comerciais de tevê.

Como DJ Tudo, Alfredo Bello se apresenta acompanhado por uma banda, na qual toca baixo. Em seu álbum *Pancada Motor – Manifesto da Festa*⁷ (2013), o processo de composição que parte de um tema sonoro – um *loop* ou *sample* – recebe contribuições de diversos músicos, conectando artistas de culturas populares brasileiras a músicos de diferentes lugares do mundo, por meio de um processo de “constante incorporação da diferença” (VARGAS, 2007, p. 9). À identidade musical híbrida do DJ Tudo, soma-se sua relação com o passado, o local na linha do tempo onde foi construída a aproximação de Alfredo Bello com seu instrumento:

Eu morava em Taguatinga, num lugar chamado QNJ, onde ocorriam diversos bailes. Lembro de estar uma vez em uma roda de dança em um desses bailes, havia umas trezentas pessoas, eu estava dançando “Sex Machine” lá no meio. James Brown é uma coisa muito importante. O jeito com o qual eu toco baixo é *funk*, mesmo tocando maracatu e coisas brasileiras, é uma coisa muito forte e que me marcou muito. Acho ele um dos caras mais importantes da música de pista, de dança, com esse conceito já de indústria fonográfica, ele marcou profundamente a música eletrônica e tudo o que foi feito depois. Tenho muitos discos dele. Lembro também, anos mais tarde, de ficar tocando a música e tentando tirar as levadas de baixo. A partir daí veio o Parliament Funkadelic e outras coisas que eu ouvi muito (BELLO, 2015).

Ouvir o álbum *Pancada Motor – Manifesto da Festa* (2013) ou assistir a uma discotecagem do pesquisador Alfredo Bello é mergulhar no universo híbrido do artista, elaborado por encontros de sons que se entrelaçam e revelam repertórios culturais variados, potencializados por fragmentos da memória que ajudam a compreender o trabalho atual do artista. Até porque, a “amplitude da memória do tempo passado terá um efeito direto sobre as representações de identidade” (CANDAU, 2014, p. 85). Pode-se dizer então, que o DJ Tudo é um artista que possui identidade composta por uma trajetória de agrupamentos e repertórios que funcionam como um quebra-cabeças, cuja montagem usa textos musicais do Kraftwerk, dos irmãos Paulo Sérgio e Marcos Valle e do ícone *soul-funk* James Brown, entre outros nomes.

⁷ O *teaser* do álbum está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CXHkN5fe18g>>

Considerações finais

O processo de discotecagem é ambiente no qual ocorre a confluência das memórias musicais do DJ e o fluxo das músicas do mundo globalizado. Pois, ao contrário do que alguns teóricos defendiam no início da década de 1990, quando estudos alertavam que a produção artística, entre outros campos analisados, se tornaria uma massa homogênea de criatividade esgotada por conta das forças globalizantes que padronizariam a criatividade humana, o que houve foi o encontro das produções locais com os cenários globais. Portanto, como argumenta Stuart Hall (2014, 16), nota-se a “mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença”, característica que se estende ao campo da música e consequentemente à discotecagem de alguns DJs, como os trabalhos elaborados por Gabriela Ubaldo e Alfredo Bello, detalhados neste artigo. Ambos, disc-jóqueis detentores de acervos musicais compostos pela diversidade sonora, ou seja, identidades musicais hibridizadas.

É importante considerar também que a reorganização das identidades musicais desses e de outros artistas, acostumados a lidar com diferentes tipos de canção, é potencializada por suas memórias musicais cujos repertórios fazem referências a hibridismos do passado. A função do DJ, neste caso, é a de organizar esse arcabouço de canções e sons, o que caracteriza e diferencia o trabalho de um disc-jóquei do outro, como escreve Simone Pereira de Sá (2003, p. 11): “a qualidade de um DJ depende também da sua sensibilidade e intuição para sentir a disposição do ambiente para a experimentação”.

As canções estão na lembrança do DJ, se mesclam a novas descobertas proporcionadas pelo fluxo de sons do mundo globalizado, e assim inovam o repertório levado pelo disc-jóquei à festa, local sagrado da discotecagem. A subjetividade da prática de discotecar permite inclusive ao DJ variar as músicas tocadas de acordo com seus sentidos e emoções, pois cada faixa carrega memórias e sentimentos que alimentam a paixão do artista pela música. Nesse perfil de artista, observa-se a construção de pontes entre o passado e o presente, capazes de evocar não apenas ritmos, mas também acionar narrativas de vida, que de alguma maneira, possuem significados musicais.

Se, uma simples canção é capaz de carregar lembranças e estabelecer conexões com experiências vividas, a discotecagem pode ser percebida como a maneira com a qual o DJ organiza essas narrativas para então apresentá-las ao público – mesmo que de forma inconsciente. O álbum que marcou a juventude divide espaço com a descoberta recente, garimpada em uma loja de discos. Esses encontros sonoros, que funcionam em um espaço de negociação de identidades, no acervo de discos do disc-jóquei, passam a integrar a contínua linha do tempo da memória musical do artista – não à toa, Gabriela Ubaldo chama a busca por novas canções de pesquisa, considerando a importância da inovação da discografia.

As viagens de Alfredo Bello, em busca de parcerias musicais, mesclam culturas ricas em histórias, ao reunir músicos de regiões e trajetórias diferentes. Nos discos do DJ Tudo, essas narrativas se misturam às memórias musicais de Alfredo e às possibilidades de hibridismo que surgem no horizonte da criação. Característica notória inclusive no músico tradicional, pois muitos artistas possuem essa capacidade de organizar suas lembranças musicais na elaboração de uma nova música. Na faixa “Desolation Row”, do álbum *Highway 61 Revisited* (1965), por exemplo, Bob Dylan coloca fragmentos bíblicos em contato com trechos de citações literárias, leituras que provavelmente o artista fez em algum momento de sua vida e que precisou resgatá-las no passado ao escrever a canção.

No momento de pensar a discotecagem, o DJ faz exercício de rememoração semelhante, pois sua coleção de discos guarda os sentidos que o conectam com a música e o mundo, a constante ida e volta do passado ao presente, entre lembranças musicais e a relação com o que é oferecido hoje no cenário globalizado de um mundo composto por identidades culturais e musicais híbridas. Embora o presente artigo esteja longe de ser um estudo definitivo capaz de desvendar a concepção da discotecagem, ele procurou, ao longo de poucas linhas, expor como a prática de ouvir diferentes estilos musicais, construída no passado, reflete sobre os hibridismos acionados no presente, e como essas características promovem inovações na discotecagem de DJs que percorrem esses caminhos marcados pela diversidade musical.

Referências

- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CARCIA CANCLINI, Néstor. **Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação**. Opinião Pública, Campinas, vol. 8, n.1, 2002, p. 40-53.
- _____. **Consumidores y ciudadanos conflictos multiculturales de la globalización**. Miguel Hidalgo (DF): Grijalbo, 1995.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.
- CASTRO, Gisela. Web music: música, escuta e comunicação. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 28, n. 1, jan/jun., p. 63-75, 2005. Disponível em:
<<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewArticle/1084>> Acesso em 08/04/2014.
- CONTER, Marcelo Bergamin; SILVEIRA, Fabrício Lopes da. Sampleamento de imagens sonoras em Fear of a Black Planet. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. **Anais**. UNILA, Foz do Iguaçu (PR), 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1677-1.pdf>> Acesso em 14/11/2014.
- FONTANARI, Ivan Paolo de Paris. **Os DJs da perifa**: música eletrônica, trajetórias e mediações culturais em São Paulo. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. Lamparina, 2014.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo; HERSHMANN, Micael. A reconfiguração da indústria da música. **E-compós**, Brasília, v.14, n.1, jan./abr., 2011. Disponível em:
<<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/524/508>> Acesso em 20/06/2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de (org). **Por uma outra comunicação**: mídias, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 57-86.
- MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação**. 2.ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- PRYSTHON, Ângela. **Estudos culturais**: uma (in)disciplina? **Comunicação e espaço público**. UnB, Brasília, a. 6, n. 1 e 2, p. 134-141, 2003.

SÁ, Simone Pereira de. **Música eletrônica e tecnologia**: reconfigurando a discotecagem. In: LEMOS, A.; CUNHA, P. (orgs.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulinas, 2003, p. 153-173.

SARLO, Beatriz. **Tiempo pasado**. Cultura de la memoria y giro subjetivo. Uma discusión. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentinos, 2007.

VALENTE, Heloísa de A. D. **O espírito do tempo, os tempos do espírito**: nos (com) passos dos beats dos hits. **Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**. PUC, São Paulo, v. 1, out., p. 98-118, 2002.

VARGAS, Herom; PERAZZO, Priscila Ferreira. **A jovem guarda no ABC paulista**: música popular, mídia e memória. **Sociedade e Cultura**. UFG, Goiânia (GO), v. 11, n. 2, jul/dez, p. 225-232, 2008.

VARGAS, Herom. O hibridismo entre tradição e modernidade nas canções do grupo Chico Science & Nação Zumbi. **Caderno.com**. IMES, São Caetano do Sul (SP), v. 2, n. 4, p. 7-17, 2007.

WHITE, Phil; CRISELL, Luke; PRINCIPE, Rob. **On the record**. The scratch dj academy guide. New York: St. Martin's Press. 2009.